

***Brava Gente Brasileira e Caramuru, A Invenção do Brasil:***  
**A relação entre Cinema e Historiografia brasileira na construção de imagens sobre o indígena. (1995-2005)**

1. Mabel Freitas Araujo de Souza – Bolsista PIBIC/FABESP; Graduanda de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Feira de Santana; e-mail: belhist@hotmail.com.

2. Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira – Orientadora; Departamento de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: anaclio66@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Povos Indígenas, Cinema, História.

## **Introdução**

O presente resumo objetiva apresentar algumas reflexões propostas pela pesquisa intitulada: *Brava Gente Brasileira e Caramuru, A Invenção do Brasil*– A relação entre Cinema e Historiografia brasileira na construção de imagens sobre o indígena. (1995-2005) que dá continuidade ao projeto intitulado *Diálogos entre a historiografia brasileira e a cinematografia na construção de imagens sobre o indígena* (1995-2005)<sup>1</sup>. Buscou-se um possível diálogo entre cinematografia e historiografia, pretendendo refletir sobre as construções imagéticas sobre povos indígenas<sup>2</sup> veiculadas em alguns filmes ficcionais brasileiros no intuito de analisar as imagens implícitas e explícitas nesse meio de comunicação.

A influência dos escritos do período colonial se fez presente no nascimento da nossa historiografia. Os cronistas descreviam o novo cenário buscando elucidar aspectos que favoreciam seus interesses, ora evidenciando a existência de um território indígena a ser dominado, ora negando sua existência, caracterizando as novas terras como inabitadas, relatando tudo sempre sob a perspectiva de colonização.

Dando continuidade a esse pensamento, os primeiros escritores da historiografia brasileira do século XIX, buscando construir uma representação da nação ideal, influenciaram a formação da ideia sobre os indígenas na sociedade brasileira, principalmente na educação, a partir de livros didáticos e outros materiais que reforçam ideias simplistas a respeito da vasta cultura das sociedades indígenas.

As construções sobre os indígenas com base em aspectos estereotipados, entretanto, não estão restritas à produção historiográfica. Vários suportes e linguagens veiculam imagens e concepções equivocadas, preconceituosas, discriminatórias e generalizadas sobre as populações indígenas como podemos constatar através da imprensa, artes, literatura, recursos didáticos, cinema, dentre outros. Tomamos o cinema ficcional como suporte a ser analisado nesta pesquisa, pois acreditamos que o mesmo se constitui num meio eficaz de veiculação dessas imagens e concepções, como já foi dito anteriormente.

## **Metodologia**

---

<sup>1</sup> Tal projeto foi financiado pela FAPESB como trabalho de iniciação científica. O mesmo foi desenvolvido basicamente o mesmo método, diferindo os materiais, se antes foi trabalho de películas como *O Guarani* (1996), *Hans Staden* (1999) e uma breve citação de *Caramuru, A invenção do Brasil* (2001), a proposta de agora tem caráter de continuidade, aprofundando discussões e ampliando resultados.

<sup>2</sup> O termo “povos indígenas” é usado neste trabalho não como homogeneização de culturas tão amplas. A opção pelo mesmo se deve ao fato de que nas obras historiográficas que serão paralelamente analisadas, não existem especificações aos grupos aos quais esses sujeitos pertencem. Já no caso de algumas películas aqui destacadas, procurarei mostrar os diversos grupos apresentados nas mesmas.

A cinematografia deve ser compreendida como produção fictícia e histórico-social, considerando o fato de que apesar de poder recriar a realidade dentro de sua perspectiva, a produção fílmica está ligada ao processo histórico, aspecto esse que não é representado necessariamente de forma direta nessas películas, mas em seu processo de criação e interpretação, logo se internalizando na estrutura da obra contribuindo para a manutenção do imaginário criado acerca dos povos indígenas.

Partindo desse pressuposto, a película ficcional deve ser interpretada como um objeto de reflexão plural, ligada diretamente ao imaginário da sociedade. Partimos desse aspecto para analisar o cinema ficcional brasileiro de longa metragem em suas representações do indígena, contrapondo nossas análises a uma produção historiográfica que também apresenta os povos indígenas de forma genérica, reforçando modelos cristalizados.

Para o desenvolvimento da análise, realizamos um levantamento substancial dos filmes de ficção produzidos no Brasil que, direta ou indiretamente, apresentam imagens dos povos indígenas. Estabelecemos também uma análise comparativa entre duas obras cinematográficas para melhor observarmos duas formas de representatividade dos povos indígenas, a primeira, em *Caramuru, A invenção do Brasil*, marcada pelo riso, pela expressão cômica, constituindo-se como uma representação estereotipada e ridicularizada, e a segunda, em *Brava Gente Brasileira*, com uma retratação mais “verossímil”, problematizando o encontro de culturas distintas.

As leituras sobre a construção de estereótipos e interpretações sobre os povos indígenas permitiram o entendimento de como as imagens acerca desses povos tem sido veiculadas prioritariamente com base em generalizações, estereótipos, preconceitos e discriminações. Nesse sentido, o uso da historiografia e seus elementos que caracterizam o modelo estereotipado do indígena, a partir de textos mais clássicos sobre a construção do Brasil e a descoberta do Novo Mundo foram imprescindíveis para identificar a existência de correlações entre as ideias historiográficas e as imagens veiculadas na produção cinematográfica. Portanto, a escolha da bibliografia pautou-se em assuntos relacionados com a interdisciplinaridade História/Cinema, influências da historiografia na construção da representação dos indígenas em obras fílmicas e definição de referencial teórico especialmente as obras que tratam da análise de discurso.

### **Discussão dos dados**

Enquanto um filme, *Brava Gente Brasileira*, resgata a violência sofrida e a resistência dos povos indígenas, trazendo elementos culturais, problematizações referentes à divergências culturais e alteridade, o outro, *Caramuru*, reforça estereótipos, reproduz ideias ultrapassadas, dando um tom de ridículo a História dos povos indígenas do Brasil.

No filme *Caramuru, a invenção do Brasil*, não há o menor sinal do choque violento entre as duas culturas, pelo contrário, a chegada de colonizadores é caracterizada como momento oportuno para que os indígenas sejam beneficiados. Boa parte dos momentos cômicos da obra se baseia nessa imagem do índio como preguiçoso ou promíscuo, o que revela um modelo não correspondente a realidade. O indígena, no filme, é uma figura pitoresca, ambígua, cômica, da qual raramente se tem uma relação de identidade como se tem em comunidades indígenas. Essa película traz preconceitos sobrepostos em diálogos criativos e taxativos, fazendo do riso um forte instrumento político que acaba por naturalizar e internalizar essas ideias que perpetuam representações referentes aos povos indígenas.

Em contraposição, o filme *Brava gente brasileira* retrata a tensa relação entre portugueses e o povo guaicuru<sup>3</sup> na região do Pantanal matogrossense no ano de 1778. A película dramatiza alguns dos conflitos e tenta reproduzir espaços de subalternidade e divergências entre povos culturalmente diferentes. Demonstrando pontos de vista sobre, e dos indígenas. O filme é uma tentativa de reconstrução desse período, tentando enfatizar as divergências culturais que foram ocasionadas por esse choque entre povos distintos e questiona essa noção de uma civilização única e superior que justificava o domínio de um povo sobre o outro, expondo as práticas usadas pelo colonizador para tentar converter, “humanizar”, como diriam ou demonizar, destruir o Outro.

Acredito que *Caramuru*, reforça os conceitos e preconceitos das crônicas do Novo Mundo e da Historiografia dos XIX e início dos XX, na tentativa de apagar a violência e menosprezar a resistência indígena ao correr dos anos. Já *Brava Gente Brasileira* tende a representar mais os trabalhos que se propõe a reconstruir uma história que considere os elementos culturais diversos que esses povos possuem. Como por exemplo, as obras de Manuela Cerneiro, John Manuel Monteiro e Vainfas. Autores como esses, servem de base para pesquisadores como eu, que buscam reconstruir essa História sob uma perspectiva que ultrapasse os modelos eurocêntricos, onde tudo que destoava de seus padrões etnocêntricos é tido como inferior.

### **Considerações finais**

O preconceito sobre os indígenas é alimentado a partir de meios amplos de comunicação. Muitas das informações contidas nas películas ficcionais são internalizadas automaticamente sem uma reflexão maior sobre o assunto tratado, dando continuidade a um pensamento limitado que estigmatiza os indígenas ao período colonial sem chance de mudanças. Além disso, são pouquíssimos os filmes que tratam desses povos como protagonistas do enredo e de sua própria história, há quase sempre o retrato do colonizador se sobrepondo seja na trama, seja na sua existência.

Tal propósito foi reforçado por considerações como as traçadas pelo historiador Marc Ferro que defende o filme não é apenas como um produto, mas também um agente da história apontando como os filmes, através de representações, podem servir como doutrinador e ou glorificador. A maior contribuição da análise fílmica na pesquisa histórica é a possibilidade de buscar o que existe de não-visível, uma vez que o filme ultrapassa seu próprio conteúdo, revelando aspectos do contexto de produção, além de mostrar que por trás das imagens representativas, se camufla a ideologia de uma sociedade. O cinema para Marc Ferro representa uma outra história: a contra-história, que faz possível uma contra-análise da sociedade, defendendo que a partir de películas, é possível visualizar uma realidade política e social.

Seja como o indígena caricatural e até mesmo o mais “verossímil”, todos esses personagens revelam um discurso sobreposto. Enxergar e retratar o “outro” como nos convém, pode ocasionar uma reprodução no imaginário social e fundar uma tradição de discursos que acaba por instituir sentidos e significados pautados em relações de poder através da construção de representações para os sujeitos. Essa subjetivação onde se interpreta o “outro” a partir do “eu” perpassa por uma naturalização, resultando na criação de

---

<sup>3</sup> Cabe ressaltar, que indígenas foram selecionados para representar os guaicuru no filme, tal como seus diálogos não são traduzidos, falam sempre na sua língua, na tentativa de demonstrar as dificuldades de convivência entre as culturas que não se entendiam. Ao decorrer da película, são apresentados aspectos culturais e históricos do povo guaicuru. São dados importantes para melhor compreender a proposta da diretora em reconstituir o encontro entre diferentes culturas.

estereótipos, cuja base está ligada a uma relação entre diferentes, pois através das práticas discursivas pode-se naturalizar um determinado lugar social para cada indivíduo.

Sobre a construção e os efeitos do discurso sobre o “outro” Foucault considera que por formação discursiva designa-se um sistema dispersivo e regulador de enunciados, conceitos, posições e práticas sociais. Partindo desse pressuposto, é possível perceber que os filmes apresentados se apropriaram dos discursos produzidos pela historiografia brasileira sobre os indígenas contribuindo para a cristalização de imagens sobre esses povos, influenciando na produção de ideologias e práticas que elegem lugares periféricos para esses sujeitos na sociedade.

## Referências

- ALMEIDA, Sônia Maria Ramires (1985). *A imagem do índio no cinema brasileiro* in FILHO, Ciro Marcondes (org.). *Política e imaginário nos meios de comunicação para massas no Brasil*. São Paulo, Summus.
- CAMINHA, Pero Vaz de 1968 (1500), *Carta a El Rey Dom Manuel* Rio de Janeiro, Ed. Sabiá.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. Manuela. “Imagens de índios do Brasil: o século XVI”. *Revista de Estudos Avançados*, 1990.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Fapesp/Cia das Letras, 1992.
- FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola, 1996.
- FREITAS. Edinaldo Bezerra de. *A construção do imaginário nacional: entre representações e ocultamentos. As populações indígenas e a historiografia*. Universidade Federal de Rondônia Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Disponível em: <http://www.cei.unir.br/artigo103.html>. Consultado em 03/09/2010.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: editora Record, 1989.
- GANDAVO, Pero Magalhães. *Tratado da terra do Brasil*. História da Província de Santa Cruz. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- JESUS, Z. R. . *Povos Indígenas na História do Brasil: Invisibilidade, Silenciamento, Violência e preconceito*. 2011. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).
- KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.237-250.
- MARTIUS, Carl F.P. Von. “Como se deve Escrever a História do Brasil” in: *O Estado de Direito entre os Autóctones do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1982.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- Revista Eletrônica O Olho da História . [www.oolahistoria.ufba.br](http://www.oolahistoria.ufba.br) .
- SILVA, Juliano Gonçalves da. *O índio no cinema brasileiro e o Espelho Recente*. / Juliano Gonçalves da Silva. – Campinas, SP: [s.n.], 2002.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. Tomo 1. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1953.
- VESPUCCI, *Carta a Lorenzo de Médici*, Lisboa, outono de 1501 in L.N.d'Olwer 1963: 542.